



5 ANOS

um balanço dos resultados de 2001 a 2005

AÇÃO DO IBOPE PELA EDUCAÇÃO **instituto**
paulo montenegro

 **ação**
educativa

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO: Ana Lúcia D' Império Lima

AÇÃO EDUCATIVA: Vera Masagão Ribeiro

IBOPE OPINIÃO: Márcia Cavallari Nunes

EQUIPE TÉCNICA

Maurício Garcia (IBOPE)

Paula Yamakawa (IBOPE)

Silvia Cervellini (IBOPE)

Sandra Mazzo (IBOPE)

Valéria Tassari (IBOPE)

Tânia Pinheiro (IBOPE)

Waldemar Montes (IBOPE)

Fernanda Cury (Instituto Paulo Montenegro)

CONSULTORES

Maria Conceição Fonseca (Universidade Federal de Minas Gerais)

Tufi Machado Soares (Universidade Federal de Juiz de Fora)

FALE CONOSCO:

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO

Fone: (11) 3066-1601

ipm@ibope.com.br

www.ipm.org.br

AÇÃO EDUCATIVA

Fone: (11) 3151-2333

acaoeducativa@acaoeducativa.org

www.acaoeducativa.org

IBOPE OPINIÃO

Fone: (11) 3066-1757/1754

opp@ibope.com.br

www.ibope.com.br

INAF - BALANÇO DOS 5 ANOS

INTRODUÇÃO

É considerada analfabeta funcional a pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever, não tem as habilidades de leitura, de escrita e de cálculo necessárias para viabilizar seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Este conceito adquire crescente relevância no Brasil, uma vez que a tendência à universalização do acesso das crianças à escola leva à concreta redução do número de analfabetos absolutos. Além disso, outras iniciativas nas diferentes instâncias de governo estimulam a permanência dos alunos de baixa renda na sala de aula, combatem a evasão escolar e promovem o retorno às salas de aula dos jovens e adultos, contribuindo assim para que o nível nominal de escolaridade da população avance. A questão que se põe é se o acesso e a frequência à escola são suficientes de garantir a aquisição de habilidades necessárias à vida cotidiana dessas pessoas, de forma a torná-las aptas a realizarem suas atividades e se desenvolverem como cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

Cientes da importância de indicadores que monitorem os efetivos avanços promovidos pelo sistema educacional e por outros atores na incorporação de crescentes parcelas de brasileiros à comunidade letrada contemporânea é que o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa desenvolveram o INAF - Indicador de Alfabetismo Funcional.

A pesquisa INAF vem sendo executada anualmente, desde 2001, pelo IBOPE Opinião - uma das empresas mantenedoras do Instituto Paulo Montenegro - para mensurar os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira entre 15 e 64 anos de idade a partir de amostras nacionais de 2.000 pessoas, representativas dos brasileiros adultos, residentes em zonas urbanas e rurais em todas as regiões do país.

Através do INAF, podem ser identificados quatro níveis de habilidades de leitura/escrita (letramento) e outros quatro níveis de habilidades de matemática (numeramento) na população brasileira:

Habilidades de Leitura/Escrita:

- **Analfabetismo**
Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem decodificação de palavras e frases.
- **Alfabetismo nível rudimentar**
Corresponde à capacidade de localizar informações explícitas em textos curtos, um anúncio ou pequena carta.
- **Alfabetismo nível básico**
Corresponde à capacidade de localizar informações em textos um pouco mais extensos, podendo realizar pequenas inferências.
- **Alfabetismo nível pleno**
Corresponde à capacidade de ler textos longos, orientando-se por subtítulos, localizando mais de uma informação, de acordo com condições estabelecidas, relacionando partes de um texto, comparando dois textos, realizando inferências e sínteses.

Habilidades Matemáticas

- **Analfabetismo**
Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas elementares com números, como ler o preço de um produto ou anotar um número de telefone.
- **Alfabetismo nível rudimentar**
Corresponde à capacidade de ler números em contextos específicos como preço, horário, números de telefone etc.
- **Alfabetismo nível básico**
Corresponde à capacidade de ler números, resolver problemas simples envolvendo soma, subtração e multiplicação, ou mesmo a identificação de relações de proporcionalidade, ainda que recorrendo eventualmente à calculadora.
- **Alfabetismo nível pleno**
Corresponde à capacidade de controlar uma estratégia na resolução de problemas mais complexos, que exigem a elaboração e a execução de uma série de operações relacionadas entre si, apresentando, ainda, familiaridades com mapas e gráficos e outras representações matemáticas de uso social freqüente.

Diferentemente de outros indicadores tais como ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), Prova Brasil etc., o INAF não se limita a retratar a situação da população que atualmente frequenta a escola e sim de todos os brasileiros entre 15 a 64 anos, estejam ou não estudando. Os resultados do INAF revelam, portanto, as condições de alfabetismo de uma população que majoritariamente já integra a força de trabalho do país e é composta por consumidores, eleitores, chefes de família. Com foco nessa população, a pesquisa avalia habilidades necessárias para viver em uma sociedade letrada, exercendo com autonomia seus direitos e responsabilidades. Tais habilidades resultam da educação continuada, que abarca tanto o ensino formal quanto o não formal e as oportunidades de aprendizagem ao longo de toda a vida.

As informações produzidas pelo INAF são valiosas para orientar ações de melhoria na qualidade e na adequação da educação escolar às necessidades e interesses da população. Seu escopo, entretanto, exige uma visão ampla da educação, convocando outras organizações sociais a desempenhar, de forma mais consciente, seu papel na promoção de oportunidades educativas e na democratização da cultura escrita. O alfabetismo é tema de especial interesse de bibliotecas, centros de inclusão digital, da indústria e do mercado editorial, das ONGs, e das empresas públicas e privadas comprometidas com o desenvolvimento profissional e social de seus colaboradores.

Nota: O termo “letramento”, assim como “alfabetismo” foram utilizados no Brasil como correspondentes ao termo em inglês *literacy*, que corresponde à condição de pessoas ou grupos sociais que fazem uso da linguagem escrita. No ambiente educacional brasileiro, o termo que se popularizou foi o de letramento, que destaca a capacidade de utilizar a linguagem escrita em diversas práticas sociais, em contraposição a um conhecimento formalizado das regras de funcionamento do código. Posteriormente, por analogia, passou-se também a se utilizar o termo *numeracy* para designar a capacidade de operar, em situações práticas, com informações que envolvem quantificação, medidas, representações espaciais e tratamento de dados. O INAF mantém o uso do termo Alfabetismo - contraposto ao de Analfabetismo - considerando os dois domínios: letramento (processamento de informação verbal em diversos formatos; compreensão e expressão escrita) e numeramento capacidade de compreender e operar com noções e representações matemáticas envolvidas em situações cotidianas. As situações cotidianas envolvem operações mais simples ou mais complexas, tanto de leitura e escrita quanto de operações matemáticas; o que as caracteriza é envolver tarefas que não requerem muita especialização, tarefas que qualquer pessoa deveria poder realizar com autonomia, seja executar uma receita culinária, seja compreender os argumentos expressos no editorial de um jornal de grande circulação.

Aperfeiçoamento metodológico

O Indicador de Alfabetismo Funcional - INAF / Brasil - foi publicado anualmente entre 2001 e 2005, focalizando alternadamente habilidades de leitura/escrita (2001, 2003 e 2005) e habilidades matemáticas (2002 e 2004).

O estudo é realizado por meio da aplicação, em entrevistas domiciliares, de testes práticos, especialmente desenhados para esta finalidade, acompanhados por um amplo questionário que permite identificar as características sócio-demográficas e as práticas cotidianas dos entrevistados. O intervalo de confiança estimado é de 95% e a margem de erro máxima estimada é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, sobre os resultados encontrados no total da amostra. A definição de amostras, a coleta de dados e seu processamento são feitos por especialistas do IBOPE Opinião que, com o mesmo rigor com que realizam seus demais trabalhos, oferecem esses serviços gratuitamente em apoio à ação social realizada pelo Instituto Paulo Montenegro. Para o desenvolvimento dos instrumentos de medição de habilidades, assim como para a interpretação dos resultados, o INAF conta com a expertise da Ação Educativa - organização que há quase quinze anos desenvolve projetos de pesquisa e intervenção no campo da alfabetização e educação de jovens e adultos - além da contribuição de especialistas de importantes centros universitários do país.

Ao completar esta primeira etapa quinquenal, o INAF aperfeiçoa sua metodologia com a introdução da TRI - Teoria da Resposta ao Item. Esta técnica estatística - utilizada em estudos internacionais semelhantes, como os realizados pela OECD (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) e UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação)¹, assim como em testes nacionais como o SAEB - propõe modelos teóricos que representam o comportamento das respostas atribuídas a cada uma das questões como uma função da habilidade do indivíduo. Em outras palavras, cada questão do teste tem seu grau de dificuldade definido *a priori* e a pontuação (proficiência) de cada indivíduo respondente varia de acordo com o grau de dificuldade das questões que foi capaz de responder corretamente.

¹ Desde 1996, a OECD conduz o *International Adult Literacy Assessment (IALS)*, uma iniciativa que, entre 1994 e 1998, recolheu dados comparativos de 19 países, quase todos na Europa e América do Norte. Em 2005, a UNESCO Canadá passou a conduzir uma iniciativa visando adaptar essa mesma metodologia de estudo do alfabetismo para países pobres, com índices muito mais baixos de escolarização, o *Literacy Assessment and Monitoring Programme (LAMP)*.

Interessante notar que a aplicação da técnica da TRI confirma substancialmente os resultados obtidos anteriormente com abordagens da teoria clássica. Com efeito, as variações são praticamente nulas.

INAF / BRASIL - LETRAMENTO

Metodologia Original

	2001	2002	2003	2004	2005	Média Período
Analfabeto	9%		8%		7%	8%
Rudimentar	31%		30%		30%	30%
Básico	33%		37%		38%	36%
Pleno	26%		25%		26%	26%

Metodologia TRI

	2001	2002	2003	2004	2005	Média Período
Analfabeto	9%		8%		7%	8%
Rudimentar	31%		31%		29%	30%
Básico	33%		37%		38%	36%
Pleno	27%		24%		26%	26%

INAF / BRASIL - NUMERAMENTO

Metodologia Original

	2001	2002	2003	2004	2005	Média Período
Analfabeto		3%		2%		2%
Rudimentar		33%		29%		31%
Básico		44%		46%		45%
Pleno		21%		23%		22%

Metodologia TRI

	2001	2002	2003	2004	2005	Média Período
Analfabeto		3%		2%		2%
Rudimentar		33%		29%		31%
Básico		43%		47%		45%
Pleno		21%		23%		22%

Outra forma de verificar a concordância entre as duas metodologias de classificação é apresentada na tabela abaixo. Nota-se que em todos os casos a coincidência dos níveis apontados por cada uma das metodologias é igual ou superior a 94%:

INAF/ BRASIL - LETRAMENTO (2001-2003-2005)

	Metodologia TRI				
Metodologia ORIGINAL	Analfabeto	Rudimentar	Básico	Pleno	Distribuição por níveis: ORIGINAL
Analfabeto	97%	3%			8%
Rudimentar	1%	95%	4%		30%
Básico		3%	94%	3%	36%
Pleno			4%	96%	26%
Distribuição por níveis: TRI	8%	30%	36%	26%	

INAF/ BRASIL - NUMERAMENTO (2002-2004)

	Metodologia TRI				
Metodologia ORIGINAL	Analfabeto	Rudimentar	Básico	Pleno	Distribuição por níveis: ORIGINAL
Analfabeto	96%	4%			2%
Rudimentar	0%	95%	4%		31%
Básico		3%	94%	3%	45%
Pleno			6%	94%	22%
Distribuição por níveis: TRI	2%	31%	45%	22%	

Para marcar essa passagem para uma nova etapa do INAF, o Instituto Paulo Montenegro e a Ação Educativa prepararam este relatório, abordando de forma sintética algumas das constatações mais relevantes obtidas com os dados dos últimos cinco anos. Como os principais resultados mantiveram-se relativamente constantes no período, foi possível - além de manter inalterada a terminologia definida anteriormente - reunir as bases amostrais dos três levantamentos sobre leitura e escrita (2001, 2003 e 2005) e dos dois sobre habilidades matemáticas (2002 e 2004), de modo a possibilitar análises mais consistentes de algumas variações já constatadas em relação ao sexo, à idade e à região dos respondentes, assim como dos resultados inéditos de alguns estados mais populosos da federação.

1) Evolução do Alfabetismo no Brasil no período 2001-2005 (INAF / Brasil - Etapa I)

A escolarização da população brasileira de 15 a 64 anos aumentou significativamente neste período, como pode ser verificado através dos dados do IBGE / PNAD. Estes dados mostram que a proporção de pessoas de 15 a 64 anos com 4 anos ou menos de estudo caiu mais de 4 pontos percentuais (de 37,9% para 33,6%) entre 2002 e 2005 enquanto que a faixa superior (Ensino Médio ou mais) subiu outros 5 pontos, passando de 35,5% para 40,8% no mesmo período. Em outras palavras, o IBGE registra a mobilidade de quase 10 milhões de brasileiros para faixas mais elevadas de escolaridade apenas entre 2002 e 2005.

POPULAÇÃO BRASILEIRA DE 15 A 64 ANOS segundo IBGE

	Grau de Instrução	PNAD 2002	PNAD 2003	PNAD 2004	PNAD 2005	% PNAD 2002	% PNAD 2003	% PNAD 2004	% PNAD 2005
Brasil	Sem escolaridade	10.719.551	10.558.008	10.938.286	10.711.266	9,5%	9,2%	9,1%	8,7%
	1ª a 4ª Série	31.947.096	30.744.779	31.161.419	30.605.104	28,4%	26,7%	25,9%	24,9%
	5ª a 8ª Série	29.877.168	30.453.321	31.052.668	31.284.747	26,6%	26,5%	25,8%	25,5%
	Ensino Médio	29.190.975	31.515.380	34.667.502	36.703.434	25,9%	27,4%	28,8%	29,9%
	Superior	10.781.559	11.706.905	12.615.997	13.404.261	9,6%	10,2%	10,5%	10,9%
		112.516.349	114.978.393	120.435.872	122.708.812	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Já quando se considera o Alfabetismo Funcional com base nos dados do INAF ao longo do período 2001-2005, vemos que as escalas de letramento (habilidades de leitura/escrita) e numeramento (habilidades matemáticas) mostram melhoras, mas a ritmo inferior ao da própria escolarização.

Para ilustrar esta tendência vemos na tabela abaixo que a proporção de analfabetos funcionais no domínio do letramento variou para baixo em 2 pontos percentuais (de 9% para 7%) enquanto que no de numeramento a oscilação negativa foi de 1 ponto percentual (de 3% para 2%). A mesma tendência de ligeira melhora é ainda confirmada com o deslocamento em sentido positivo (de rudimentar para básico e de básico para pleno) de alguns pontos percentuais ao longo da escala INAF.

Com a aplicação da Teoria da Resposta ao Item (TRI) pudemos ainda sofisticar a medida de proficiência dos sujeitos testados, permitindo calcular uma pontuação média para cada um dos períodos. Esta pontuação ou escore (que equivale a uma “nota”) varia de 0 a 200, tendo seu ponto médio ao redor de 100. Embora pequena, a variação indica uma tendência de melhoria, tanto em letramento (de 98,6 em 2001 para 101,5 em 2005) quanto em numeramento (de 98,4 para 101,6 entre 2002 e 2004).

- Evolução dos níveis de alfabetismo (INAF / Brasil 2001 - 2005)

	Habilidades de Leitura/Escrita				Habilidades Matemáticas		
	2001	2003	2005	Diferença	2002	2004	Diferença
Analfabetismo	9%	8%	7%	-2 pp	3%	2%	-1 pp
Alfabetismo Nível Rudimentar	31%	31%	29%	- 2 pp	33%	29%	-4 pp
Alfabetismo Nível Básico	33%	37%	38%	+ 5pp	43%	47%	+ 4 pp
Alfabetismo Nível Pleno	27%	24%	26%	-1pp	21%	23%	+ 2 pp
Escore Médio	98,6	99,7	101,5	+2,9	98,4	101,6	+3,2

Escolaridade aumenta mas ainda não garante melhoria em termos de alfabetismo funcional

Os dados do INAF constataam, portanto, que os avanços quantitativos em termos de escolaridade da população adulta brasileira não se refletiram na mesma proporção em termos qualitativos: com efeito, as variações - ainda que positivas - observadas no INAF em termos de alfabetismo funcional durante o período avaliado são muito limitadas.

Score médio por grau de instrução - ano de pesquisa INAF

LETRAMENTO	2001		2003		2005	
	%	“nota”	%	“nota”	%	“nota”
Sem escolaridade	6%	18,5	3%	17,1	1%	23,4
1ª a 4ª série	38%	83,3	41%	84,0	37%	81,1
5ª a 8ª série	28%	110,7	29%	109,3	26%	107,7
Ensino Médio	20%	121,8	20%	119,9	26%	119,2
Superior	8%	128,3	8%	127,9	10%	126,1
Total	100%	98,6	100%	99,7	100%	101,5

NUMERAMENTO	2002		2004	
	%	“nota”	%	“nota”
Sem escolaridade	2%	30,5	3%	31,1
1ª a 4ª série	42%	82,0	36%	81,4
5ª a 8ª série	28%	104,6	27%	103,3
Ensino Médio	20%	117,3	26%	119,5
Superior	8%	135,4	9%	136,9
Total	100%	98,4	100%	101,6

A pontuação (a “nota”) média dos testes do INAF nesta etapa inicial de 5 anos ajuda a compreender o que vem ocorrendo: **embora venha crescendo a proporção de pessoas com maior nível de escolaridade** (aqueles com Ensino Médio ou mais passam de 28% em 2001 para 36% em 2005), **o desempenho médio em cada uma das faixas de escolaridade mostra uma tendência negativa**. Com efeito, de modo geral, as “notas” pioraram com relação às habilidades de leitura/escrita.

Já com relação às habilidades matemáticas, o INAF identifica uma tendência mais positiva: além do crescimento da escolaridade da população, nota-se uma ligeira melhora do alfabetismo nos níveis mais altos de escolaridade.

Os dados consolidados do INAF do período 2001 a 2005 (Etapa I) relacionando níveis de letramento e numeramento por Escolaridade evidenciam a realidade da situação brasileira:

LETRAMENTO - INAF / Brasil (2001 - 2003 - 2005)

	% De 1ª a 4ª série	% De 5ª a 8ª série	% Ensino Médio ou mais	% Total Brasil (com escolaridade alguma)	% Total Brasil (inclui pessoas sem escolaridade)
Analfabeto	13	0	0	5	8
Rudimentar	55	24	7	31	30
Básico	27	51	37	37	36
Pleno	5	24	56	27	26

NUMERAMENTO - INAF / Brasil (2002 - 2004)

	% De 1ª a 4ª série	% De 5ª a 8ª série	% Ensino Médio ou mais	% Total Brasil (com escolaridade alguma)	% Total Brasil (inclui pessoas sem escolaridade)
Analfabeto	4	0	0	1	2
Rudimentar	54	25	6	30	31
Básico	37	58	45	46	45
Pleno	5	16	49	23	22

- A **grande maioria** (68%) dos pouco mais de 30,6 milhões de brasileiros entre 15 e 64 anos que estudaram até a 4ª série (¼ da população total nesta faixa etária) atinge **no máximo o grau rudimentar** de alfabetismo, ou seja, possuem no máximo a habilidade de localizar informações explícitas, em textos curtos - tais como um anúncio ou uma carta - mas não são capazes de compreender textos mais longos ou localizar informações que exijam alguma inferência.
- E ainda mais grave: 13% delas (quase **4 milhões de brasileiros**) podem ser considerados **analfabetos** em termos de habilidades de leitura/escrita, não conseguindo nem mesmo decodificar palavras e frases, ainda que em textos simples. **Mais de 1 milhão** (4% deste grupo) sequer são capazes de identificar números em situações do cotidiano (preços, números de telefone etc.), apesar de terem cursado um a quatro anos do Ensino Fundamental.
- Dentre os 31,1 milhões que cursam ou cursaram da 5ª a 8ª série, apenas ¼ pode ser considerado plenamente alfabetizado enquanto que a maioria se enquadra no nível básico de alfabetismo tanto em letramento como em numeramento. O que mais chama a atenção é que 24% daqueles nesta faixa de escolaridade permanecem no nível rudimentar, com sérias limitações tanto em termos de suas habilidades de leitura/escrita quanto em matemática.
- Somente entre os que completaram pelo menos o Ensino Médio (pouco mais de 50 milhões de brasileiros entre 15 e 64 anos) é que prevalecem (56%) os indivíduos com pleno domínio das habilidades de leitura/escrita. Neste mesmo grupo, menos da metade (49%) atinge um nível pleno de alfabetismo em termos de habilidades matemáticas.

INAF / BRASIL - ESCOLARIDADE DE 5ª a 8ª SÉRIE

	LETRAMENTO			NUMERAMENTO	
	2001	2003	2005	2002	2004
Analfabeto	0%	1%	0%	0%	0%
Rudimentar	23%	24%	26%	25%	25%
Básico	51%	50%	53%	56%	61%
Pleno	26%	25%	20%	19%	14%

Um recorte dos dados INAF sobre as pessoas com nível de escolaridade entre a 5ª e a 8ª série, mostrado na tabela acima, fornece mais um alerta sobre o rendimento escolar: **decrecem** - entre o ponto inicial da medição e o indicador mais recente - os percentuais de nível pleno, tanto em relação às habilidades de leitura/escrita (de 26% para 20%) quanto para as habilidades matemáticas (de 19% para 14%).

2) O comportamento por Faixas Etárias no período 2001-2005 (INAF / Brasil - Etapa I)

Quando analisado conjuntamente o período 2001 a 2005, o INAF / Brasil mostra aspectos interessantes: considerando pessoas com escolaridade semelhante, jovens têm desempenho melhor em leitura, mas adultos se saem melhor quanto às habilidades matemáticas. Certamente, a proximidade da experiência escolar, no grupo jovem, favorece o desempenho em leitura. Parece que as habilidades matemáticas se desenvolvem mais com a experiência cotidiana, no universo do trabalho, da administração doméstica e do consumo. Mas temos aí um alerta: a escola poderia estar fazendo mais para ensinar os jovens a resolver problemas e não apenas mecanizar procedimentos formais. Resolver problemas envolvendo números implica em saber analisar a situação e os dados, estabelecer um plano de solução, controlar a execução desse plano e verificar resultados.

LETRAMENTO - INAF / Brasil (2001 - 2003 - 2005), por faixa etária

	1ª a 4ª série			5ª a 8ª série			Ensino Médio ou mais		
	15 a 24	25 a 39	40 a 64	15 a 24	25 a 39	40 a 64	15 a 24	25 a 39	40 a 64
Analfabeto	12%	11%	14%	0%	1%	0%	0%	0%	0%
Rudimentar	48%	53%	57%	21%	24%	34%	6%	8%	6%
Básico	32%	29%	25%	51%	52%	50%	38%	35%	40%
Pleno	8%	6%	4%	28%	23%	16%	57%	57%	54%

As teorias sobre a relação entre habilidades cognitivas e envelhecimento não são conclusivas: se por um lado se pode considerar que efeitos da idade provocam declínio em mecanismos como atenção, alcance da memória de trabalho ou rapidez de raciocínio, as experiências acumuladas ao longo da vida podem ter efeitos positivos. Nos estudos internacionais (*OCDE Learning a Living: first results of adult literacy and life skills survey*, Paris, 2005), as pessoas mais jovens têm desempenho mais elevado mesmo quando controlado o grau de escolaridade.

Os dados do INAF parecem corroborar essa tendência com relação ao letramento, mas guarda peculiaridades segundo o grau de instrução do grupo:

- dentre os jovens entre 15 e 24 anos que cursaram entre a 5ª e a 8ª série, temos 21% que não atingem o nível básico de alfabetismo - não estando, portanto, capacitados a localizar informações em textos um pouco mais extensos, ou a realizar pequenas inferências - esta proporção sobe para 34% dentre as pessoas entre 40 e 64 anos, com a mesma escolaridade.
- por outro lado, estas diferenças entre as faixas etárias desaparecem quando analisamos os dados dentre as pessoas com Ensino Médio ou Superior, onde os níveis de alfabetismo são equivalentes para as diferentes faixas etárias. Esse dado nos faz supor que uma maior escolaridade aumenta as chances do indivíduo exercitar e manter suas habilidades, fazendo frente aos efeitos do envelhecimento.

NUMERAMENTO - INAF / Brasil (2002-2004), por faixa etária

	1ª a 4ª série			5ª a 8ª série			Ensino Médio ou mais		
	15 a 24	25 a 39	40 a 64	15 a 24	25 a 39	40 a 64	15 a 24	25 a 39	40 a 64
Analfabeto	6%	4%	3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Rudimentar	62%	52%	54%	29%	21%	26%	7%	4%	4%
Básico	28%	38%	38%	60%	59%	53%	53%	40%	34%
Pleno	4%	6%	5%	11%	20%	21%	41%	56%	61%

Já quando se analisam as habilidades em numeramento, o comportamento é distinto:

- para o mesmo grau de escolaridade (de 5ª a 8ª série) a faixa etária que apresenta melhor desempenho, levando-se em conta a soma dos níveis básico e pleno, é a de 25 a 39 anos, correspondente supostamente a pessoas mais comumente estimuladas por solicitações do dia-a-dia profissional e familiar. Neste grupo, 79% atingem ou superam o nível básico de alfabetismo em matemática, dominando a leitura de números e resolvendo operações usuais. Chama, porém, atenção o fato de que apenas 20% destas pessoas tenham atingido o nível pleno de alfabetismo. Ainda mais alarmante o desempenho dos mais jovens, dentre os quais o nível pleno em numeramento só é atingido por 11% daqueles que cursaram entre a 5ª e a 8ª série.
- Dentre as pessoas do mais alto grau de escolaridade, é interessante notar a forte superioridade dos mais velhos: 61% das pessoas entre 40 e 64 anos com Ensino Médio ou Superior têm pleno domínio das habilidades matemáticas, contra apenas 41%

na faixa dos 15 aos 24 anos. Apesar da necessária cautela ao analisar este dado - uma vez que a amostra do segmento mais velho nesta faixa de escolaridade não é muito grande - os resultados instigam de fato a levantar hipóteses explicativas relacionadas à qualidade da educação que os diferentes grupos receberam ou ainda à hipótese que uma educação básica de qualidade possa ter um papel significativo em termos de manutenção e desenvolvimento das habilidades ao longo da vida.

O INAF mostra ainda que mesmo para a população mais jovem - entre 15 e 24 anos - que se beneficiou mais diretamente da extensão recente da escolarização no Brasil, os resultados em termos de aprendizagem são praticamente nulos. Aumentou no período o nível de escolaridade dos jovens, mas o desempenho desse grupo nas três edições do INAF permaneceu praticamente o mesmo.

POPULAÇÃO BRASILEIRA DE 15 A 24 ANOS - ESCOLARIDADE segundo IBGE

	Grau de Instrução	PNAD 2002	PNAD 2003	PNAD 2004	PNAD 2005	% PNAD 2002	% PNAD 2003	% PNAD 2004	% PNAD 2005
Brasil	Sem escolaridade	1.232.018	1.135.989	1.097.770	999.338	3,7%	3,4%	3,2%	2,9%
	1ª a 4ª série	6.024.637	5.247.708	5.104.448	4.799.397	18,0%	15,5%	14,7%	13,7%
	5ª a 8ª série	12.243.330	12.208.502	12.220.832	11.970.546	36,7%	36,1%	35,1%	34,2%
	Ensino Médio	11.903.953	12.936.743	13.921.291	14.668.115	35,6%	38,3%	40,0%	41,9%
	Superior	1.995.112	2.281.871	2.425.780	2.573.008	6,0%	6,7%	7,0%	7,3%
		33.399.050	33.810.813	34.770.121	35.010.404	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Com efeito, embora os dados do INAF para esta faixa etária indiquem um crescimento de 4 pontos percentuais no alfabetismo de nível básico, esta variação se dá tanto por perdas no nível inferior (- 2 pontos no rudimentar) quanto por perdas no nível mais alto (- 1 ponto no pleno). As oscilações no escore (“nota”) médio não são significativas do ponto de vista estatístico. Estas observações reforçam a idéia de que não basta inserir pessoas na escola; é preciso, além de garantir a qualidade do ensino, promover a melhoria de uma série de outros fatores relativos ao ambiente familiar e social que impactam diretamente o desempenho escolar.

POPULAÇÃO BRASILEIRA DE 15 A 24 ANOS – INAF / BRASIL

- Evolução dos níveis de alfabetismo (INAF 2001 - 2005) - População de 15 a 24 anos

	Habilidades de Leitura/Escrita				Habilidades Matemáticas		
	2001	2003	2005	Diferença	2002	2004	Diferença
Analfabetismo	3%	1%	3%	-	1%	1%	-
Alfabetismo Nível Rudimentar	19%	18%	16%	- 2 pp	23%	21%	- 2 pp
Alfabetismo Nível Básico	40%	42%	43%	+ 4 pp	50%	54%	+ 4 pp
Alfabetismo Nível Pleno	39%	38%	38%	-1 pp	26%	24%	- 1 pp
Escore Médio	111,78	113,33	112,16	n.s.*	106,56	107,32	n.s.*

* n.s. => não significativo

3) O comportamento por Gênero no período 2001-2005 (INAF / Brasil - Etapa I)

No Brasil, as mulheres têm, em média, uma escolaridade superior à dos homens. Nas avaliações escolares, as mulheres também revelam um desempenho muito melhor em leitura e uma desvantagem em matemática, com tendência à diminuição. Os dados do INAF mostram uma grande vantagem das mulheres em leitura e uma grande vantagem dos homens em habilidades matemáticas. Quando comparamos grupos com escolaridade semelhante, entretanto, vemos que a vantagem das mulheres em leitura diminui bastante, mas que a vantagem dos homens em matemática continua grande. Isso provavelmente se explica porque os dados do INAF revelam os efeitos da escolaridade combinados às oportunidades de manutenção e desenvolvimento das habilidades ao longo da vida.

Com efeito:

- enquanto 65% das brasileiras entre 15 e 64 anos atingem os níveis básico e pleno de alfabetismo quando se consideram as habilidades em leitura e escrita, este mesmo patamar é alcançado por apenas 58% dos homens nesta mesma faixa de idade. Já quando se observam os dados de numeramento, a situação se inverte: 72% dos homens têm níveis de alfabetismo básico ou pleno contra 63% das mulheres na mesma condição;
- analisando apenas as pessoas com escolaridade entre 5ª e 8ª série, a vantagem das mulheres sobre os homens se atenua: 77% das mulheres entre 15 e 64 anos alcançam os níveis básico e pleno em letramento, apenas 5 pontos percentuais acima da proporção observada entre homens, de 72%;
- quando as habilidades matemáticas são consideradas entre as pessoas com escolaridade entre 5ª e 8ª série, os homens superam as mulheres por 14 pontos (82% x 68%) nos níveis básico e pleno;
- Para a faixa de escolaridade de ensino médio ou superior as diferenças entre os gêneros, embora sigam a mesma tendência, se mostram menos significativas.

LETRAMENTO - INAF / Brasil, por Gênero

	% Até 4ª série			% 5ª a 8ª série			% Ensino Médio ou Mais			% Total		
	MAS	FEM	Total	MAS	FEM	Total	MAS	FEM	Total	MAS	FEM	Total
Analfabeto	21	17	19	1	0	0	0	0	0	9	7	8
Rudimentar	51	51	51	26	23	24	9	5	7	32	28	30
Básico	24	27	25	51	52	51	37	37	37	35	37	36
Pleno	4	5	5	22	25	24	54	58	56	23	28	26

NUMERAMENTO - INAF / Brasil, por Gênero

	% Até 4ª série			% 5ª a 8ª série			% Ensino Médio ou Mais			% Total		
	MAS	FEM	Total	MAS	FEM	Total	MAS	FEM	Total	MAS	FEM	Total
Analfabeto	4	7	6	0	0	0	0	0	0	2	3	2
Rudimentar	47	61	54	18	32	25	4	7	6	26	35	31
Básico	42	29	36	62	55	58	37	52	45	46	44	45
Pleno	6	3	5	20	13	16	59	42	49	26	19	22

É interessante comentar que dados do INAF confirmam que as mulheres se dedicam mais que os homens à leitura de livros e revistas e à leitura para entretenimento de forma geral. Parece que junto à população mais escolarizada, essa atividade já não representa um diferencial tão significativo quanto ocorre com outras práticas mais comuns entre os homens, como a leitura de jornais e outros materiais relativos à atividade profissional. Os homens dedicam-se também mais a atividades de controle do orçamento e consumo domésticos que envolvem cálculos, como controle de extratos bancários e contas a pagar. Em 2005, 48% dos homens entrevistados tinham uma conta bancária, contra 39% de mulheres.

Outro fator explicativo é a inserção menor e mais precária das mulheres no mercado de trabalho, pois a atividade profissional é uma experiência importante na promoção das habilidades de alfabetismo. Em 2005, 77% dos homens entrevistados estavam trabalhando, contra 51% das mulheres; entre os que trabalhavam, 35% dos homens tinham carteira assinada, contra 27% das mulheres. Diferenças em algumas atividades de leitura/escrita, também trazem indícios a esse respeito: 24% dos homens escrevem relatórios, contra 19% das mulheres, 21% fazem orçamentos, contra 15% de mulheres; 30% dos homens usam medidores, metros, balanças etc., contra 17% das mulheres.

4) Alfabetismo e IDH (INAF / Brasil - Etapa I)

Como se sabe, o IDH - Índice de Desenvolvimento Humano - é um indicador que permite estabelecer graduações do nível de desenvolvimento da população de acordo com três fatores: renda (PIB per capita), longevidade (esperança de vida ao nascer) e educação. Para o fator educação, o IDH dos municípios brasileiros é construído a partir da taxa de alfabetização de pessoas acima de 15 anos de idade e a frequência à escola. É, portanto, evidente que haverá uma forte correlação entre o INAF e o IDH, dado que a escolaridade da população é um componente essencial para ambos os indicadores.

Os municípios incluídos nas amostras do INAF ao longo dos 5 anos de estudo (2001 a 2005) foram classificados em três grupos, segundo critérios usuais: IDH até **0,499** -> **baixo**, IDH entre **0,500 e 0,799** -> **médio** e IDH superior a **0,800** -> **alto**. A análise destes três grupos demonstra tal correlação:

- A proporção de pessoas com níveis de alfabetismo básico ou pleno quanto a suas habilidade de leitura/escrita é de 70% nos municípios de IDH alto, caindo respectivamente para 57% e 45% naqueles com IDH médio e baixo.
- Em termos de numeramento, a diferença é ainda mais notável: 76% atingem o alfabetismo básico ou pleno nos municípios com alto IDH, 61% naqueles com IDH médio e apenas 31% nos municípios com baixo IDH.

INAF / BRASIL

	LETRAMENTO				NUMERAMENTO			
	IDH ALTO	IDH MÉDIO	IDH BAIXO	TOTAL BRASIL	IDH ALTO	IDH MÉDIO	IDH BAIXO	TOTAL BRASIL
Analfabeto	5%	10%	11%	8%	1%	3%	3%	2%
Rudimentar	25%	34%	43%	30%	22%	36%	66%	31%
Básico	38%	35%	27%	36%	45%	45%	28%	45%
Pleno	32%	22%	18%	26%	31%	16%	3%	22%

O INAF / Brasil revela ainda, com base nos dados do período 2001 a 2005, que para grupos de municípios com IDH semelhantes são os municípios do Interior que, de modo geral, mostram maiores deficiências em termos de alfabetismo:

Dentre os municípios que ocupam as faixas média e alta de IDH, os municípios do Interior mostram a menor proporção de pessoas com nível pleno de alfabetismo em termos de letramento. O mesmo ocorre com relação às habilidades matemáticas. De modo geral, os municípios de Periferia têm padrões de alfabetismo muito semelhantes aos encontrados nas Capitais do país.

LETRAMENTO - INAF / BRASIL (2001-2003-2005)

	MUNICÍPIOS COM IDH ALTO			MUNICÍPIOS COM IDH MÉDIO		
	Capital	Interior	Periferia	Capital	Interior	Periferia
Analfabeto	4%	6%	4%	6%	11%	5%
Rudimentar	21%	29%	26%	24%	35%	31%
Básico	38%	38%	36%	41%	33%	37%
Pleno	36%	27%	34%	28%	20%	26%

NUMERAMENTO - INAF / BRASIL (2001-2003-2005)

	MUNICÍPIOS COM IDH ALTO			MUNICÍPIOS COM IDH MÉDIO		
	Capital	Interior	Periferia	Capital	Interior	Periferia
Analfabeto	1%	2%	1%	1%	3%	3%
Rudimentar	21%	25%	15%	29%	39%	24%
Básico	45%	44%	51%	50%	43%	53%
Pleno	33%	29%	32%	20%	15%	20%

5) Alfabetismo por Região no período 2001-2005 (INAF / Brasil - Etapa I)

BRASIL

POPULAÇÃO (15 a 64 anos) PNAD 2005: **122.708.812**
 ANALFABETOS (15 a 54 anos) PNAD 2005: 10.711.266 (9%)

	LETRAMENTO	NUMERAMENTO
INAF - ANALFABETOS:	9.874.768 (8%)	2.790.230 (2%)
INAF - NÍVEL RUDIMENTAR:	37.168.381 (30%)	37.714.103 (31%)
INAF - NÍVEL BÁSICO:	44.180.897 (36%)	55.038.060 (45%)
INAF - NÍVEL PLENO:	31.484.767 (26%)	27.166.419 (22%)



O INAF Consolidado do período 2001 a 2005 retrata a distribuição dos diferentes níveis de alfabetismo pelo território nacional permitindo evidenciar contrastes e, por vezes, profundas diferenças regionais:

LETRAMENTO - INAF / Brasil (2001-2003-2005)

	Norte/CO	Nordeste	Sudeste	Sul	Brasil
Analfabeto	14	11	6	5	8
Rudimentar	23	35	30	29	30
Básico	37	34	36	38	36
Pleno	26	19	28	29	26
Escore Médio	95,42	93,88	103,35	104,34	99,91
<i>Média anos de estudo - PNAD 2005</i>	<i>6,4 e 7,2</i>	<i>5,6</i>	<i>7,7</i>	<i>7,4</i>	<i>7,0</i>
<i>ENEM 2006</i>	<i>32,17 e 35,45</i>	<i>33,83</i>	<i>38,85</i>	<i>38,73</i>	

- A população da região Sul é a que tem níveis mais altos de alfabetismo, tanto em leitura/escrita quanto em habilidades matemáticas.
- Em letramento a “nota” (escore) média para a Região Sul fica 4 pontos acima da média nacional e 1 ponto acima da região Sudeste.
- No extremo oposto, a Região Nordeste fica quase 6 pontos abaixo da média nacional, 1 ponto abaixo da Região Norte/Centro-Oeste.
- Nota-se ainda uma semelhança no perfil da população das regiões Sul e Sudeste (maior concentração no nível básico, um número reduzido de analfabetos e proporções equivalentes entre nível rudimentar e pleno), enquanto que chamam atenção as diferenças entre as regiões Norte/Centro-Oeste e Nordeste: embora com médias semelhantes, é bastante diferente sua distribuição, sendo a população nordestina mais concentrada nos níveis intermediários (rudimentar e básico).

NUMERAMENTO - INAF / Brasil (2002-2004)

	Norte/CO	Nordeste	Sudeste	Sul	Brasil
Analfabeto	3	3	2	2	2
Rudimentar	32	42	27	22	31
Básico	45	43	47	44	45
Pleno	21	13	24	32	22
Escore Médio	98,70	91,76	102,07	109,37	100,00

Em termos de habilidades matemáticas, as diferenças entre as regiões são ainda mais marcantes:

- A região Sul se distancia das demais, com uma “nota” média quase 10 pontos acima da média nacional enquanto que o Nordeste fica 8 pontos abaixo desta média. A região Norte/Centro-Oeste diferencia-se da Sudeste em 3 pontos.
- A diferença entre os escores das regiões Sul e Nordeste chega a quase 18 pontos em numeramento enquanto em letramento é de cerca de 10 pontos.

Em princípio, a diferença entre as regiões se explica pela escolaridade de suas populações. Como vimos anteriormente, há uma significativa diferença entre as médias das regiões Sul e Sudeste (entre 7 e 8 anos de estudo em média) e as demais (menos de 6 anos no Nordeste).

Ao fornecer bases mais consistentes que permitem a comparação entre as cinco regiões brasileiras dentro de cada faixa de escolaridade, o INAF aponta para algumas diferenças para além dos perfis de escolaridade das regiões.

LETRAMENTO - INAF / Brasil - Região por faixa de escolaridade

	De 1ª a 4ª série					De 5ª a 8ª série					Ensino Médio ou mais				
	Norte/CO	Nordeste	Sudeste	Sul	Total	Norte/CO	Nordeste	Sudeste	Sul	Total	Norte/CO	Nordeste	Sudeste	Sul	Total
Analfabeto	22	13	11	11	13	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0
Rudimentar	44	57	57	53	55	21	25	27	20	24	5	6	7	8	7
Básico	27	26	27	31	27	51	54	50	50	51	42	39	36	35	37
Pleno	7	4	5	6	5	28	20	23	29	24	53	55	57	57	56
Escore Médio	76,3	81,5	84,7	85,7	82,8	110,4	108,4	108,6	111,3	109,3	122,2	121,7	122,4	121,7	122,1

Em letramento, o INAF constata que:

- As diferenças regionais mais impactantes ocorrem na faixa de menor escolaridade, onde a situação no Norte/Centro-Oeste é bem pior do que as outras regiões, com 22% de analfabetos entre os que completaram de 1ª a 4ª séries do ciclo fundamental, contra a média nacional de 13%.
- Em geral, as diferenças se atenuam para o grupo que tem entre 5ª e 8ª série, no qual tanto a distribuição da população pelos diferentes níveis de alfabetismo quanto as “notas” médias são mais próximas entre as regiões, com destaque positivo para a região Sul.
- Já na faixa de escolaridade mais alta (Ensino Médio ou mais), o desempenho (“nota”) médio entre as regiões é bastante semelhante.

NUMERAMENTO - INAF / Brasil - Região por faixa de escolaridade

	De 1ª a 4ª série					De 5ª a 8ª série					Ensino Médio ou mais				
	Norte/CO	Nordeste	Sudeste	Sul	Total	Norte/CO	Nordeste	Sudeste	Sul	Total	Norte/CO	Nordeste	Sudeste	Sul	Total
Analfabeto	3	3	4	4	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Rudimentar	52	64	50	45	54	30	27	27	15	25	6	8	5	3	6
Básico	38	31	41	42	37	55	62	57	59	58	47	52	45	34	45
Pleno	6	2	5	10	5	14	11	16	26	16	47	40	49	63	49
Escore Médio	82,8	77,6	82,1	89,6	81,7	102,1	100,9	103,0	112,3	104,0	123,2	119,3	122,9	129,8	123,3

- No que se refere às habilidades matemáticas, a vantagem da região Sul é ainda mais destacada, em todas as faixas de escolaridade. O desempenho do Norte/CO é semelhante ao da região Sudeste enquanto que a situação mais adversa se encontra no Nordeste.

Perspectivas

A introdução da TRI permite, não apenas uma maior precisão na medição dos níveis de alfabetismo dos brasileiros, mas também proporciona uma flexibilidade muito maior na formatação de novos testes: como o grau de dificuldade de cada questão é conhecido, passa a ser possível atualizar permanentemente os instrumentos, criando novas questões comparáveis com as anteriores.

A adoção desta metodologia permite ainda preparar testes sob medida para populações específicas, sempre com dados comparáveis com a população brasileira. Com este aperfeiçoamento será possível, por exemplo, conduzir estudos sobre populações específicas (funcionários de uma empresa, por exemplo) com base na mesma escala de proficiência e avaliar resultados obtidos por programas de alfabetização e de capacitação em âmbito público ou privado.

Outro desenvolvimento metodológico iniciado nesse período foi a análise das correlações existentes entre a escala de proficiência de leitura/escrita e de matemática. Com base nos resultados obtidos em estudo especial realizado junto à população carcerária do Estado de São Paulo, cujos participantes responderam a ambos os testes, foi possível realizar análises que comprovaram a unidimensionalidade das duas escalas. Isso quer dizer que é consistente tratar as habilidades de letramento e numeramento também como um único construto - relativo à capacidade de processar informações escritas - expressas por palavras ou números - para a resolução de tarefas cotidianas. A partir desse estudo exploratório, o INAF passa, em 2007, a desenvolver instrumentos que integram os dois domínios de habilidade, estabelecendo uma escala única de alfabetismo que inclui o letramento e o numeramento.

Complementar às avaliações escolares, o INAF consegue mostrar os resultados da educação escolar e continuada na população, fornecendo uma visão abrangente do problema. Permite uma visão de como agem de forma integrada a expansão das oportunidades educacionais e a piora / melhora da qualidade de ensino. Abarcando o conjunto da população, o INAF é capaz de mostrar que pouco adianta uma escola de excelência que atenda a uma minoria; por outro lado, a massificação dos serviços escolares não pode se dar com o abandono na noção de qualidade. Uma nova qualidade precisa ser construída, considerando as demandas de uso da leitura, escrita e matemática não só para a continuidade dos estudos, mas para se inserir de forma eficiente e autônoma no mundo do trabalho e do exercício da cidadania.

Mais do que agregar mais um dado alarmante sobre a situação da educação brasileira ou sobre alguma região ou estado em particular, o INAF mostra que a escolarização é uma base, mas que as oportunidades de aprendizagem precisam ser contínuas ao longo da vida e que outros espaços como o ambiente de trabalho, os equipamentos e a indústria cultural precisam ter esses elementos em vista.

Livre acesso às bases de dados do INAF

Os dados acumulados durante os 5 anos de aplicação do INAF - 2001 a 2005 - oferecem uma valiosa base de informações para estudiosos das questões da educação e para formuladores de políticas públicas nas áreas de educação e cultura. Cumprindo com o objetivo maior de fomentar o debate público e contribuir para a melhoria da educação, o Instituto Paulo Montenegro e a Ação Educativa decidem compartilhar - a partir da segunda quinzena do mês de Abril - os dados acumulados ao longo de 5 anos com pesquisadores, entidades vinculadas à área de Educação e demais interessados, **disponibilizando sem qualquer custo os bancos de dados contendo a informação detalhada dos mais de 10.000 testes realizados no período.** São informações sobre os níveis de habilidades em leitura e escrita e habilidades matemáticas da população brasileira adulta, complementados com um amplo conjunto de informações sobre práticas de leitura nos contextos da família, do trabalho, do consumo, da educação continuada etc.

Convidamos ainda os interessados no tema do alfabetismo funcional a acompanhar a publicação da 6ª versão do INAF, que estará disponível em 2007.

Os Organizadores

O **Instituto Paulo Montenegro** é uma organização sem fins lucrativos, criada em 2000, para desenvolver e disseminar práticas educacionais inovadoras que contribuam para a melhoria da qualidade do sistema de ensino do país.

A Educação foi escolhida como o objeto de trabalho por ser considerada um dos fatores que mais influenciam na diminuição das desigualdades sociais, na melhoria das condições de vida da população, assim como na inserção do país em um mercado cada vez mais competitivo e globalizado.

Com o Instituto Paulo Montenegro, o Grupo IBOPE confirma sua posição como uma empresa socialmente responsável, trabalhando com programas educacionais baseados nos conhecimentos em pesquisas da empresa, produto de mais de 60 anos de experiência no Brasil.

A **Ação Educativa** é uma organização não governamental fundada em 1994, com a missão de promover os direitos educativos e da juventude, tendo em vista a justiça social, a democracia participativa e o desenvolvimento sustentável no Brasil. A capacidade de realização da Ação Educativa resulta do alto empenho de sua equipe e da confiança e colaboração de uma ampla rede de parceiros nacionais e internacionais.